

# Futuro sem Vírgula

O Banco Central divulgou sexta-feira o primeiro relatório trimestral sobre as metas de inflação deste ano. As previsões foram menos otimistas que as do relatório de dezembro, quando o BC previa que o núcleo do IPCA fecharia o ano em 3,9%, abaixo da meta oficial de 4% para a inflação, e que o PIB teria expansão de 4,5%. Se as previsões do fim de 2000 se confirmassem, 2001 seria o primeiro ano na história do país em que a taxa de crescimento da economia superaria a da inflação. O presidente Fernando Henrique Cardoso chegou a celebrar a hipótese.

No relatório, o Banco Central passou a admitir que, em função da escalada do dólar para a faixa de R\$ 2 e dos preços mais altos do barril do petróleo, a taxa do IPCA se elevaria a 4,8% por cento. Esses percalços e mais o impacto da desaceleração da economia dos Estados Unidos e da crise da Argentina, que geraram pressões inflacionárias na cesta de produtos transacionados com o exterior (na importação e na exportação), fizeram o Comitê de Política Monetária (Copom) elevar no dia 21 de março em meio ponto percentual a taxa básica de juros, situada agora em 15,75% ao ano.

Num exercício que considera a estabilidade da taxa de juros até o fim do ano, e índices mais suaves para o reajuste das tarifas públicas (energia elétrica, telefone, água e esgoto), o Banco Central revisou ligeiramente para baixo a previsão sobre a expansão do Produto Interno Bruto desde ano. Em vez dos 4,5% projetados em dezembro, o PIB cresceria 4,3%. Com a inflação do IPCA em 4,8%, o Brasil talvez não registre em 2001 o feito de uma taxa de crescimento maior que a da inflação.

Seria uma pena, sem dúvida. Mas, nada capaz de justificar o clima de histeria que dominou o mercado financeiro brasileiro na manhã de sexta-feira. O comportamento levou o ministro da Fazenda, Pedro Malan, a reagir, em tom de desabafo, durante a posse da nova diretoria do Banco do Brasil, em Brasília, condenando a atitude ciclotímica dos economistas e operadores.

Malan lembrou que é grave demonstração de falta de memória, para um país que há quinze anos esteve mergulhado numa crise de hiperinflação com estagnação econômica e falta de perspectivas. No encerramento do mês de março de 2001, os economistas e operadores do mercado financeiro estão "discutindo a vírgula

depois do quatro". O ministro aproveitou para mandar um recado aos participantes do mercado: "Faço um apelo para que não se deixem tomar de assalto frente a fatos do dia-a-dia. É preciso ter uma visão de médio e longo prazos e não do cotidiano, das manchetes".

De fato, o que o relatório do Banco Central apresentou foi mais uma alteração na posição dos personagens em cena do que propriamente mudança de cenário: a inflação passaria à frente da taxa de crescimento, mas ambas ficariam em níveis excepcionais. Mesmo mais alta que a previsão anterior, a taxa de 4,8% para o IPCA estaria confortavelmente dentro da meta oficial de inflação de 4%, acertada com o Fundo Monetário Internacional, que comporta desvio de dois pontos percentuais, para cima ou para baixo.

Quanto à taxa de crescimento do PIB em 2001 (reduzida de 4,5% para 4,3%), além do efeito estatístico de ficar abaixo da última projeção para a taxa de inflação, qual a relevância do novo indicador? Talvez o fato de que a taxa de expansão da economia prevista para 2001 ficaria abaixo dos 4,46%, divulgados também na sexta-feira pelo IBGE, como a última estimativa da taxa de crescimento do PIB no ano passado.

O PIB brasileiro do ano 2000 superou pela primeira vez a cifra de um trilhão de reais, produzindo o segundo melhor desempenho do Plano Real. O PIB *per capita* – divisão do Produto Interno Bruto pelo tamanho da população – registrou crescimento de 3,1%, também a segunda melhor taxa do Plano Real. O resultado de 2000 só perde para os números de 1994, ano do lançamento do plano que estabilizou a inflação, reconquistou a confiança dos investidores e credores internacionais e recuperou as perspectivas de crescimento da economia brasileira.

Os números revisados pelo Banco Central continuam desenhando um quadro bastante favorável para a economia brasileira, num período em que a economia mundial entra em período de desaceleração. Mesmo considerando a piora no saldo da balança comercial e o consequente aumento do déficit em transações correntes, não se projeta nada que não possa ser financiado (com investimentos estrangeiros diretos ou com mais empréstimos externos). Só mesmo os que não têm memória podem se abalar por pequenas mudanças de vírgulas no presente e temer o futuro.